

Mensagem nº 504

Senhores Membros do Senado Federal,

De conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição, e com o art. 39, combinado com o art. 46 da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossas Excelências a escolha, que desejo fazer, do Senhor RODRIGO DE AZEREDO SANTOS, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Irã.

Os méritos do Senhor Rodrigo de Azeredo Santos que me induziram a escolhê-lo para o desempenho dessa elevada função constam da anexa informação do Ministério das Relações Exteriores.

Brasília, 22 de setembro de 2016.

Brasília, 8 de Setembro de 2016

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

De acordo com o artigo 84, inciso XXV, da Constituição Federal, e com o disposto no artigo 39, combinado com o artigo 46, da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossa Excelência o nome de **RODRIGO DE AZEREDO SANTOS**, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Irã.

2. Encaminho, anexos, informações sobre o país e curriculum vitae de RODRIGO DE AZEREDO SANTOS para inclusão em Mensagem a ser apresentada ao Senado Federal para exame por parte de seus ilustres membros.

Respeitosamente,

Assinado eletronicamente por: José Serra

Aviso nº 590 - C. Civil.

Em 22 de setembro de 2016.

A Sua Excelência o Senhor
Senador VICENTINHO ALVES
Primeiro Secretário do Senado Federal

Assunto: Indicação de autoridade.

Senhor Primeiro Secretário,

Encaminho a essa Secretaria Mensagem na qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República submete à consideração dessa Casa o nome do Senhor RODRIGO DE AZEREDO SANTOS, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Irã.

Atenciosamente,

DANIEL SIGELMANN
Secretário-Executivo da Casa Civil
da Presidência da República

INFORMAÇÃO

CURRICULUM VITAE

MINISTRO DE SEGUNDA CLASSE *RODRIGO DE AZEREDO SANTOS*

CPF.: 603.163.061-34

ID.: 66562072/IFP

1966 Filho de Theophilo de Azeredo Santos e Maria Amelia Ferraz de Azeredo Santos nasce em 14 de janeiro, no Rio de Janeiro

Dados Acadêmicos:

1986	Bacharel em Economia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro
1987	Curso de Ciências Políticas no Instituto Católico de Paris
1990	Mestrado em Diplomacia e Relações Internacionais, Schiller International University, Londres
1992	Curso de Preparação à Carreira de Diplomata pelo Instituto Rio Branco
2001	Curso de Aperfeiçoamento de Diplomata pelo Instituto Rio Branco
2008	Curso de Altos Estudos pelo Instituto Rio Branco. Tese, aprovada com louvor: "A criação do Fundo de Garantia do Mercosul. Vantagens e Proposta"

Cargos:

1992	Terceiro-Secretário
1997	Segundo-Secretário, por merecimento
2002	Primeiro-Secretário, por merecimento
2006	Conselheiro, por merecimento
2009	Ministro de Segunda Classe

Funções:

1992-94	Divisão da Ásia e Oceania I, Subchefe
1994	Consulado-Geral em Hong Kong, Vice-Cônsul, Missão Transitória
1994-97	Embaixada do Brasil em Moscou, Chefe dos Setores Econômico-Comercial e de Ciência e Tecnologia
1997-2000	Embaixada do Brasil em Washington, chefe do Setor de Política Financeira
2000-02	Embaixada do Brasil em Buenos Aires, chefe do Setor de Infraestrutura e de Integração Produtiva
2002-04	Assessoria de Relações com o Congresso
2004	Direção-Geral de Promoção Comercial
2004-07	Divisão de Operações de Promoção Comercial, Subchefe
2007-10	Divisão de Programas de Promoção Comercial, Chefe
2010-13	Embaixada do Brasil em Londres, Ministro-Conselheiro, encarregado dos Setores Comercial e de Ciência e Tecnologia
2013	Instituto Rio Branco, Coordenador-Geral
2013	Departamento de Promoção Comercial e Investimentos, Diretor

Cargos Docentes e Outras Atividades Acadêmicas:

1992-3	Instituto Rio Branco, Professor de Economia Internacional
1994	Faculdades Integradas UPIS, Brasília, Professor de Economia Monetária na Graduação de Ciências Econômicas
1998-99	American University, Washington, Palestrante no curso de Economia
2004-10	Centro Universitário de Brasília/UNICEUB, Professor de Economia Política Internacional no curso de Graduação de Relações Internacionais

Publicações:

2011 O Fundo de Garantia do Mercosul: Vantagens e Proposta, FUNAG

Condecorações:

2015 Ordem do Rio Branco, Grã-Cruz

PAULA ALVES DE SOUZA

Diretora do Departamento do Serviço Exterior

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ



INFORMAÇÃO OSTENSIVA
Setembro 2016

DADOS BÁSICOS SOBRE A REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ	
NOME OFICIAL:	República Islâmica do Irã
GENTÍLICO:	Iraniano
CAPITAL:	Teerã
ÁREA:	1.648.000 km²
POPULAÇÃO:	79,11 milhões (2015)
LÍNGUA OFICIAL:	Farsi (Persa)
PRINCIPAIS RELIGIÕES:	Islamismo xiita (89%); Islamismo sunita (9%); Baha'ismo (0,5%); Cristianismo (0,17%); Zoroastrismo (0,07%); Judaísmo (0,04%).
SISTEMA DE GOVERNO:	República
PODER LEGISLATIVO:	Assembleia Consultiva Islâmica (Majlis); Parlamento unicameral, composto por 290 membros, eleitos para mandatos de quatro anos.
CHEFE DE ESTADO:	Líder Supremo Aiatolá Ali-Hosseini Khamenei (desde 1989)
CHEFE DE GOVERNO:	Presidente Hassan Rouhani (desde 2013)
CHANCELER:	Mohammad Javad Zarif (desde 2013)
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) NOMINAL (2015):	US\$ 425,33 bilhões (2015)
PIB – PARIDADE DE PODER DE COMPRA (PPP) (2015):	US\$ 1,36 trilhões (2015)
PIB PER CAPITA (2015)	US\$ 5.376,44 (2015)
PIB PPP PER CAPITA (2015)	US\$ 17.191,25 (2015)
VARIAÇÃO DO PIB	3,96% (estimativa para 2016); 0,03%(2015); 4,34(2014); -1,91% (2013); -6,61% (2012); 3,75% (2011) - Fonte: Statista
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - IDH (2015):	0,77 (69ª posição entre 188 países)
EXPECTATIVA DE VIDA (2015):	75,4 anos
ALFABETIZAÇÃO (2015):	98,03%
ÍNDICE DE DESEMPREGO (2016):	11,7% (Fonte: Banco Mundial)
UNIDADE MONETÁRIA:	rial iraniano
EMBAIXADOR EM BRASÍLIA:	Mohammad Ali Ghanezadeh Ezabadi (desde 2012)
BRASILEIROS NO PAÍS:	Há registro de 130 brasileiros residentes no Irã (2014)

INTERCÂMBIO BILATERAL BRASIL-IRÃ (fonte: MDIC)									
Brasil → Irã	1999	2001	2003	2005	2007	2009	2011	2013	2015
Intercâmbio	547,31	445,21	883,00	971,59	1.848,59	1.237,09	2.367,49	1.617,75	669,46
Exportações	494,54	441,95	869,16	968,63	1.837,60	1.218,11	2.332,25	1.609,14	666,18
Importações	50,77	3,26	13,84	2,96	10,99	18,98	35,24	8,61	3,28
Saldo	445,77	438,69	855,32	965,67	1.826,61	1.199,13	2.297,01	1.600,53	662,90

APRESENTAÇÃO

O Irã é um país de confluência geográfica, situado entre a Ásia Central, a Ásia Meridional, o Cáucaso e o Oriente Médio.

Herdeiro de tradições milenares e situado no entroncamento de diversas civilizações (tendo sido a persa, ela própria, uma das mais relevantes e influentes da humanidade), desempenhou papel crucial na história da Antiguidade e na formação dos povos centro-asiáticos e médio-orientais.

É reveladora, a esse propósito, a própria condição geográfica multifacetada de que desfruta o Irã. A leste, o país faz fronteira com o Afeganistão e o Paquistão. A nordeste, seu espaço geográfico é demarcado pelo início do território do Turcomenistão. A oeste, é vizinho do Iraque e da Turquia. Ao norte, divide seus limites com o Azerbaijão e a Armênia, sendo também banhado pelo Mar Cáspio. Ao sul, há as costas do Golfo Pérsico e do Golfo de Omã, separadas entre si pelo Estreito de Ormuz. São sete vizinhos imediatos, sem contar aqueles que dividem com a nação iraniana o espaço do Mar Cáspio e dos Golfos.

O relevo do país presta-se, igualmente, ao papel de instrumento para a compreensão de muitas de suas características, sobretudo no que se refere à distribuição espacial de sua população. A paisagem iraniana é dominada por cordilheiras acidentadas, que separam diversas bacias hidrográficas ou planaltos. A parte ocidental, mais populosa, é também a mais montanhosa, com cordilheiras como as de Zagros e Elburz (esta última, abriga o ponto mais alto do país, o Damavand, com 5.604 m). A porção oriental compreende, em geral, áreas desérticas inabitadas, como a salina Dasht-e Kavir.

O território do Irã apresenta grandes planícies apenas na costa do Mar Cáspio e na extremidade setentrional do Golfo Pérsico, até seus limites, na desembocadura do rio Arvand (*Shatt al-Arab*). Planícies menores e descontínuas ocorrem no restante da costa do Golfo Pérsico, do Estreito de Ormuz e do Golfo de Omã.

O clima iraniano é, em geral, árido ou semiárido, embora a região ao longo do Mar Cáspio seja subtropical.

Muitos especialistas acreditam que a geografia e o relevo do Irã tiveram papel essencial em sua história política e econômica, ao longo dos séculos. Como visto, as montanhas abrigam diversos platôs, onde centros urbanos foram estabelecidos, tendo por base de sustentação a agricultura. O arranjo urbano típico presente nessas áreas era o de núcleos maiores, ao redor do qual orbitava uma miríade de pequenas vilas, de origem tribal. Cabe lembrar que os recursos

hídricos nesses espaços eram visivelmente mais generosos do que em outras partes do território iraniano.

Sob o ponto de vista histórico, o Irã é, em linhas gerais e simultaneamente, o legado, por um lado, da sofisticada civilização persa e, por outro, da influência islâmica, recebida a partir da ocupação árabe de seu território, no século VII. Pode-se dizer que o Irã atual seria, de maneira simplificada, o resultado da mescla e simbiose sincréticas dessas duas significativas referências, do que é prova, por exemplo, o fato de que seu idioma é o farsi, herdado de seu passado persa, mas que é escrito em caracteres árabes, fruto da islamização do país, há quatorze séculos.

PERFIS BIOGRÁFICOS

AIATOLÁ ALI-HOSEINI KHAMENEI *Líder Supremo*



Nasceu em Mashhad, em 1939. Em 1957, ingressou no seminário islâmico de Najaf (Iraque). De 1958 a 1964, cursou jurisprudência e filosofia no seminário islâmico da cidade iraniana de Qom, principal centro de estudos religiosos do xiismo persa. Naquela localidade, teve como professor e mentor intelectual o Aiatolá Ruhollah Khomeini (futuro líder da Revolução Islâmica de 1979). Em 1962, ainda em Qom, Khamenei juntou-se ao Movimento Islâmico de Khomeini, que se opunha às políticas pró-americanas e ocidentalizantes do Xá Reza Pahlevi. Apesar de exílios e aprisionamentos, Khamenei permaneceu no movimento por 16 anos.

Em maio de 1963, foi preso pela Polícia Política do Xá pela primeira vez, juntamente com Khomeini. Voltou a ser preso em 1964 e em 1976. Nesta última ocasião, foi sentenciado ao degredo em Iranshahr, por três anos.

Em princípios de 1979, durante o ápice da agitação popular no Irã, Khamenei retornou a Mashhad, onde participou das manifestações contra o Governo do Xá. Na sequência da queda do monarca iraniano, Khamenei tornou-se, por decreto de Khomeini, membro do Conselho Revolucionário Islâmico, composto por importantes personalidades, entre elas *Shahid* (“mártir”) Mottahari, *Shahid* Beheshti e Hashemi Rafsanjani.

Após a Revolução Islâmica, foi Vice-Ministro de Defesa e Supervisor da Guarda Revolucionária Islâmica por breve período. Foi eleito deputado pelo distrito de Teerã (1980); representante de Khomeini no Conselho Supremo de Segurança Nacional (1981); Presidente eleito da República Islâmica e Presidente do Departamento Cultural do Conselho Supremo da Revolução (1982); Presidente do Conselho de Discernimento (1988); Chefe do Comitê de Revisão Constitucional e Líder Supremo da República Islâmica do Irã, por escolha da Assembleia dos Sábios, após a morte do Aiatolá Khomeini (1990).

HASSAN ROUHANI

Presidente da República



Nasceu em 1948, na vila de Sorkheh, província de Semnan. Formou-se em Direito pela Universidade de Teerã (1972), é Mestre (1995) e Doutor (1999) em Direito pela Universidade Caledoniana de Glasgow. Detém o título de "Hojatoleslam" (autoridade no Islã e título imediatamente inferior ao de Aiatolá) e é um "mujtahid" (um estudioso do Islã capaz de interpretar a *Charia*).

Nos anos setenta, participou de manifestações contra o Xá e, por volta de 1978, juntou-se ao grupo de Khomeini, em Paris. Após a Revolução Islâmica, foi eleito para o Parlamento (1980-84) e reeleito quatro vezes (1984-2000). Em seus últimos dois mandatos, foi Vice-Presidente do Parlamento. Na sequência da ascensão de Ali Khamenei ao cargo de Líder Supremo (1989), passou a integrar o Conselho Supremo de Segurança Nacional, como Representante do Líder, cargo ao qual renunciou, com a eleição de Mahmoud Ahmadinejad.

Em 1991, foi nomeado para o Conselho de Discernimento, poderosa instituição do sistema político iraniano (após o Líder Supremo e o Conselho de Guardiões), cuja função é a de dirimir disputas entre o Parlamento ("Majlis") e o Conselho de Guardiões.

Desde 1992, preside o Centro de Pesquisas Estratégicas, "think-tank" subordinado ao Conselho de Discernimento, que realiza estudos sobre política externa, relações internacionais, economia e cultura. É membro da Assembleia dos Sábios desde 2000 (foi reeleito em 2006 e em 2016). A Assembleia é formada por 88 "mujtahids", cuja função é avaliar o desempenho do Líder Supremo e, em caso de falta, escolher seu substituto. A Assembleia poderia, por conseguinte e em teoria, destituir o Líder.

Rouhani foi o único clérigo a integrar a equipe negociadora iraniana para o dossiê nuclear – foi Negociador-Chefe, entre 2003 e 2005, bem como Assessor de Segurança Nacional nos Governos Rafsanjani (1989-97) e em parte dos Governos Khatami (2000-2005).

Elegeu-se Presidente do Irã em 14 de junho de 2013.

RELAÇÕES BILATERAIS

As relações diplomáticas entre o Brasil e o Irã foram estabelecidas em 1903. Desde então, o Brasil reconhece oficialmente o importante papel do Irã como potência regional, bem como o legado histórico e civilizacional do país.

Os primeiros acordos de cooperação cultural foram assinados nos anos 50, durante o Governo de Juscelino Kubitschek. O Irã foi um dos primeiros países a instalar uma embaixada em Brasília e, em 1961, a legação brasileira em Teerã foi alçada ao *status* de embaixada.

Em 1965, o Xá Reza Pahlavi esteve no Brasil, ao protagonizar a primeira visita de um Chefe de Estado iraniano ao país. Em 1991, o então Chanceler Francisco Rezek liderou uma comitiva de empresários em viagem oficial a Teerã. Em 1994, foi a vez do Chanceler iraniano Ali Akbar Velayati visitar Brasília e São Paulo.

O relacionamento bilateral registrou particular impulso na segunda metade da década passada, entre os anos de 2008 e 2010, quando a importância conferida ao Irã na agenda externa brasileira traduziu-se em intensa troca de visitas de altas autoridades, acompanhadas de missões empresariais e da assinatura de vários acordos e memorandos de entendimento. Essa tendência teve seu ápice com as visitas do então Presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, ao Brasil, em 2009, e do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Irã, em 2010.

O Brasil tornou-se interlocutor relevante para o Irã, principalmente em razão de seu engajamento positivo no tratamento da questão do Programa Nuclear Iraniano. Por ocasião da visita do então Presidente Lula da Silva ao país, firmou-se, em parceria trilateral com a Turquia, a "Declaração de Teerã", sobre o referido Programa, documento que poderia ter contribuído para o desbloqueio das negociações então em curso entre aquela nação e potências ocidentais. Não foi possível, entretanto, colocar-se em prática o acordo alcançado. Houve, na sequência dessa tentativa, nova rodada de sanções contra o Irã, no âmbito do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Nos últimos anos, os efeitos das sanções aplicadas pela ONU, assim como de sanções impostas unilateralmente por alguns países ao Irã, em tópicos alheios ao tema nuclear, afetaram o dinamismo das relações bilaterais. Ainda assim, o diálogo político foi aos poucos sendo retomado, a partir dos encontros dos então Ministros das Relações Exteriores Antonio Patriota e Luiz Alberto Figueiredo com o Chanceler do Irã, Mohammad Javad Zarif, à margem da Assembleia-Geral das Nações Unidas, respectivamente em 2012 e 2013. Houve também visita oficial a Teerã realizada pelo Ministro Patriota, por ocasião da posse do atual Presidente iraniano, Hassan Rouhani, em agosto de 2013.

O então Ministro Mauro Vieira visitou Teerã, em setembro de 2015. Na sequência, houve missão empresarial àquela capital capitaneada pelo então Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro. Ambas visitas configuram claro testemunho da disposição brasileira de promover o adensamento dos laços políticos e econômico-comerciais com o Irã.

O Mecanismo de Consultas Políticas Brasil-Irã foi implementado em 2007, em nível de Vice-Ministros. Registre-se a realização de reuniões do Mecanismo em Teerã, em setembro de 2009, em Brasília, em agosto de 2011, e novamente em Teerã, em abril de 2016.

O Brasil recebeu com satisfação a exitosa conclusão, em 2015, do "Joint Comprehensive Plan of Action" (JCPOA); o instrumento ensejou o levantamento oficial de sanções contra o Irã relacionadas a seu dossiê nuclear, em janeiro de 2016. O instrumento permitirá assegurar a natureza exclusivamente pacífica do referido Programa, bem como a progressiva normalização das relações do Irã com a comunidade internacional.

O JCPOA, firmado entre o Irã e os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, mais a Alemanha, também enseja a possibilidade de retomada do intercâmbio comercial entre o Brasil e o Irã, fortemente afetado, nos últimos anos, pelas sanções impostas contra aquele país, sobretudo no tocante a seu setor bancário, o que comprometeu o estabelecimento de fluxos financeiros regulares que pudessem viabilizar exportações brasileiras em larga escala, em direção ao mercado iraniano. No futuro, quando forem equacionadas as questões em apreço, será possível vislumbrar diversas oportunidades comerciais para os empresários brasileiros no promissor mercado iraniano, notadamente no que se refere ao agronegócio, mas também em outras áreas, como equipamentos industriais e de transporte.

Nesse contexto, o Brasil considera o Irã como parceiro privilegiado, razão pela qual tem acolhido gestões diversas de autoridades iranianas e missões de empresários daquele país, igualmente interessados na expansão do intercâmbio comercial bilateral. As autoridades brasileiras têm, ademais, buscado colaborar para que o Irã possa, com a brevidade possível, equacionar as restrições bancário-financeiras de que ainda é objeto, de maneira que esteja habilitado a realizar todo seu potencial na esfera econômico-comercial, já no futuro próximo.

No tocante a novos acordos bilaterais, caberia destacar que foram ultimados, em setembro de 2015, os trâmites para a entrada em vigor do Acordo de Isenção de Vistos para Portadores de Passaportes Diplomáticos, assinado em novembro de 2009 e aprovado pelo Congresso Nacional em agosto de 2014.

Há também boas perspectivas de entendimento em relação a Acordos sobre Cooperação Jurídica em Matéria Civil e Penal, de Extradicação, sobre Transferência de Pessoas Condenadas e de Cooperação e Facilitação de Investimentos.

Ainda na esfera do relacionamento bilateral, cabe mencionar que deverão visitar o Brasil, nos próximos meses, o Ministro das Relações Exteriores, Javad

Zarif; o Ministro da Economia, Ali Tayebnia, para co-presidir reunião da Comissão Econômico-Comercial Bilateral; e o Presidente do Alto Conselho de Direitos Humanos, Mohammad Larijani, a fim de dar continuidade ao Diálogo Bilateral Estruturado na área de Direito Humanos.

Assuntos consulares

Teerã concentra setenta por cento da comunidade brasileira no Irã, que totaliza cerca de 130 cidadãos. É composta predominantemente de mulheres brasileiras que se casaram com iranianos em terceiros países, além de cônjuges iranianos que, em alguns casos, adotaram nacionalidade brasileira (sem prejuízo da nacionalidade iraniana), e seus filhos.

Verifica-se também no país, com relativa frequência, a presença de atletas brasileiros, que cumprem contratos de trabalho temporários em clubes locais, mormente jogadores e técnicos de futebol e vôlei.

O contato entre os membros da comunidade brasileira se tem fortalecido recentemente a partir da formação de rede de contatos virtuais e da organização de atividades periódicas pela Embaixada brasileira.

POLÍTICA INTERNA

A base do sistema político do Irã assenta-se, primordialmente, em seu eleitorado, que promove – por meio do voto direto– a escolha dos representantes a ocuparem as três instâncias de poder que compõem o Estado iraniano. Ao contrário dos regimes republicanos ocidentais, o sistema iraniano é sustentado por assembleias de natureza laica, mas conta com outras de orientação religiosa, que dividem com as primeiras as atribuições governamentais. Assim procedendo, o Irã combina, em um sistema híbrido e singular, tendências políticas de natureza republicana e teocrática, simultaneamente.

Os eleitores considerados habilitados no sistema político daquele país são todos os cidadãos ali nascidos e que atingiram a idade mínima de quinze anos. As mulheres têm o direito de votar, bem como os cidadãos residentes no exterior, devidamente cadastrados. Por intermédio do voto, os iranianos determinam a formação do Parlamento unicameral do país, o *Majlis-e-Shura-ye-Eslami*, composto por 290 membros. Cinco assentos daquele colegiado são reservados para

as minorias religiosas reconhecidas pelo regime, a saber: zoroastras, judeus e cristãos (estes últimos armênios, em sua maioria).

O *Majlis* exerce o poder legislativo no Irã, sendo responsável pela aprovação de leis, dos tratados internacionais e do orçamento nacional. Detém, também, a prerrogativa de aprovar e, em alguns casos, provocar a destituição do Governo, inclusive do Presidente. Caso um terço do *Majlis* retire sua confiança no mandatário, este contará com um mês para apresentar explicações ao legislativo, que avaliará a pertinência das referidas justificativas. Na situação em que dois terços dos parlamentares manifestem perda de confiança, o chamado Líder Supremo da nação é informado, para que tome a decisão de destituir o Presidente, se for o caso. O mandato parlamentar de um representante no *Majlis* é de quatro anos.

O voto direto determina, igualmente, o escolhido para exercer o cargo de Presidente da nação. Segundo a constituição do Irã, o Presidente é a mais alta autoridade do país, logo após o Líder Supremo. O Poder Executivo do Estado iraniano é exercido pelo Presidente, que deve ser um xiita nativo, eleito para um mandato de quatro anos. Os candidatos ao cargo devem ser previamente aprovados pelo chamado Conselho dos Guardiões. O Presidente é responsável pelo cumprimento da Constituição, nomeia e supervisiona o Conselho de Ministros, coordena as decisões de governo e submete as políticas governamentais à apreciação do Parlamento. É assessorado por oito Vice-Presidentes e 21 Ministros, todos previamente aprovados pelo Legislativo, por sua indicação. O Presidente não controla as forças armadas, prerrogativa exclusiva do Líder Supremo. Embora possa nomear os Ministros da Informação e da Defesa, costuma consultar o Líder Supremo antes de submeter seus nomes à apreciação do legislativo, para o voto de confiança.

Registre-se que, nos últimos anos, o titular do cargo, o Presidente Hassan Rouhani, buscou equacionar, como prioridade, a questão do dossiê nuclear iraniano e, dessa forma, promover a reinserção econômica e política do Irã na comunidade internacional, com o propósito de reabrir caminho para o desenvolvimento do país.

O sufrágio universal também decide quem serão os representantes a formar a chamada Assembleia dos Sábios, ou Especialistas. Eleitos para um mandato de oito anos, os oitenta e seis membros dessa câmara especializada são líderes religiosos que determinam a escolha do Líder Supremo (bem como sua eventual destituição).

O Líder Supremo é o Chefe de Estado do Irã, nomeado em caráter vitalício, em função de seus conhecimentos de teologia islâmica, pela vertente xiita. Determina a direção geral da política iraniana, ouvido o chamado Conselho de Discernimento, e atua como árbitro entre os poderes executivo, legislativo e

judiciário. Também é o comandante supremo das forças armadas, competindo-lhe declarar a guerra e celebrar a paz, bem como nomear e demitir os comandantes de cada uma das forças armadas. Suas prerrogativas incluem também o poder de nomear a principal autoridade do Poder Judiciário, que, por sua vez, designa o Procurador-Geral e o Presidente da Corte Suprema, o diretor de rádio-televisão estatal e seis dos doze membros do Conselho de Guardiões. O Líder Supremo pode ainda exonerar o Presidente, caso o considere inapto para a função.

O Líder é aclamado como a principal liderança do governo iraniano e assume a importante tarefa de indicar parte do “Conselho de Guardiões da Constituição”. O Conselho de Guardiões é um órgão de controle constitucional composto por doze juristas, sendo seis clérigos especialistas em direito religioso - nomeados pelo Líder Supremo - e seis juristas, nomeados pelo chefe do poder judiciário e aprovados pelo legislativo. O Conselho interpreta a constituição, pronuncia-se sobre a constitucionalidade (e a compatibilidade com a Charia) das leis votadas pelo legislativo e aprova - com base na ideologia - os candidatos a Presidente, a deputado e a membro da Assembleia dos Especialistas.

O Conselho é considerado o principal instrumento de manutenção das leis constitucionais e também de manifestação da vontade do Líder Supremo. Os especialistas que ali têm assento são designados, entre outras tarefas, para averiguar cada uma das candidaturas apresentadas antes da realização de um pleito eleitoral. Caso um candidato deixe de ser considerado um defensor da constituição e da lei islâmica, o Conselho poderá invalidar sua candidatura.

Há ainda o "Conselho de Discernimento do Interesse Superior do Regime", que é um órgão de arbitramento entre o *Majlis* e o Conselho de Guardiões. Uma lei aprovada pelo *Majlis* que seja eventualmente rejeitada ou contestada pelo Conselho, no exercício de suas funções de controle da constitucionalidade, é submetida ao Conselho de Discernimento, para decisão final. O órgão, criado em 1988, por decreto do Aiatolá Khomeini, compõe-se de 22 membros, nomeados pelo Líder Supremo, incluindo os seis líderes religiosos com assento no Conselho de Guardiões e os chefes dos poderes Legislativo, Judiciário e Executivo (o Presidente), bem como o ministro cuja pasta trata do assunto a ser discutido, acompanhado de mais uma dúzia de outras personalidades, escolhidas *ad hoc*.

No que se refere ao Poder Judiciário, cabe ressaltar que, como indicado, o Líder Supremo nomeia seu chefe, o qual, por sua vez, indica o Presidente da Corte Suprema e o Procurador-Geral. Há diversos tipos de juizados - desde os que julgam casos cíveis e criminais comuns até as "cortes revolucionárias", que apreciam crimes contra a segurança nacional e cujas decisões são inapeláveis.

POLÍTICA EXTERNA

O Irã é membro das Nações Unidas e está presente em todas suas agências especializadas. É observador na Organização para Cooperação de Xangai.

No campo da política externa, os esforços recentes do Irã, com vistas à redinamização de seu relacionamento com a comunidade internacional, têm-se desenvolvido sob o signo do levantamento das sanções multilaterais relacionadas ao dossiê nuclear daquele país.

Em julho de 2015, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) adotou Resolução que endossou o Plano de Ação Conjunto Abrangente (“Joint Comprehensive Plan of Action” – JCPOA), negociado por Teerã com países do P5+1 (os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança - China, França, EUA, Reino Unido e Rússia, mais Alemanha).

Após diversas etapas preparatórias, o chamado “Dia da Implementação” do JCPOA teve lugar em 16 de janeiro de 2016, como recompensa por ter o Irã cumprido, até aquela data, todas as obrigações previstas no referido Plano, relativas às limitações impostas a seu Programa Nuclear (restrições cujo propósito era o de assegurar a natureza pacífica do referido Programa).

O CSNU, por sua vez, recebeu relatório da Agência Internacional de Energia Atômica - AIEA, que confirma ter o Irã observado o disposto no JCPOA, o que ensejou o levantamento das sanções emanadas das restrições internacionais ao Programa Nuclear Iraniano. A tendência, a partir do advento do Plano de Ação e apesar de eventuais percalços, é de normalização progressiva das relações daquele país com a comunidade internacional a médio e longo prazos.

Nesse contexto, ao Irã interessa explorar, já no futuro próximo, caminhos para promover o fortalecimento de seus laços econômico-comerciais com o mundo. A atual política externa iraniana reflete, nessas circunstâncias e em larga medida, a tentativa de transformar a excelente oportunidade que é o JCPOA em resultados concretos para a economia iraniana, fragilizada por anos de restrições internacionais.

O Irã, por outro lado, é único grande país da Ásia Central e do Oriente Médio a adotar o xiismo, minoritário no Islã. Sua atuação regional também pauta-se, por conseguinte, pela necessidade de evitar o isolamento. O país equacionou seus principais desafios internos (inclusive com a conclusão do acordo relativo a seu programa nuclear) e se vê em condições de impulsionar sua projeção regional

e internacional. No Oriente Médio, o país tem buscado prestar apoio a minorias xiitas ou assemelhadas, em países como o Iêmen, a Síria, o Líbano e o Iraque.

No tocante especificamente à sua dimensão centro-asiática, caberia destacar, em particular, o relacionamento do Irã com seus dois vizinhos imediatos a leste, Paquistão e Afeganistão. Irã e Paquistão cooperam na repressão ao tráfico de drogas e à ação de grupos separatistas atuantes na fronteira comum, além de manterem importante projeto conjunto em integração energética, que prevê a construção de gasoduto para transporte de gás iraniano ao mercado paquistanês. Ambos países também atuaram conjuntamente no apoio ao Afeganistão, após a ocupação norte-americana, bem como abrigam as maiores comunidades de refugiados afegãos no mundo.

As relações Irã-Paquistão vivem momento positivo. Em março de 2016, o Presidente Rouhani realizou a primeira visita de um Presidente iraniano ao Paquistão, em mais de uma década, acompanhado de robusta delegação empresarial. A visita resultou na assinatura de Plano Estratégico de Cooperação Comercial quinquenal e em acordos de cooperação em educação, cultura e saúde.

Já no que se refere ao Afeganistão, desde a invasão norte-americana o Irã desempenha papel importante naquele país, com o qual compartilha história, língua e cultura. Os iranianos colaboraram com os EUA no estabelecimento do Governo afegão pós-Talibã e participaram ativamente da reconstrução do país.

O comércio bilateral e os investimentos iranianos (em infraestrutura, agricultura e saúde) no Afeganistão aumentaram consideravelmente. O Afeganistão é hoje o quarto principal destino das exportações extrapetrolíferas iranianas. Como mencionado, o Irã também abriga numerosa comunidade de refugiados afegãos (cerca de 2 milhões, um terço dos quais documentados), que representam cerca de 97% do total de refugiados no país. A política adotada pelas autoridades iranianas para os refugiados afegãos é reconhecida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Outro tema relevante no relacionamento bilateral com o Afeganistão é o controle fronteiriço, em área ainda sujeita à instabilidade decorrente do tráfico de drogas e da atividade de grupos terroristas. O Irã tem sido vigilante em relação à questão e mantém infraestrutura de monitoramento permanente na região limítrofe em apreço.

No Cáucaso, caberia destacar a atuação conciliadora do Irã em relação ao território de Nagorno-Karabakh. De maneira geral, o país tem interesse em promover o diálogo entre a Armênia e o Azerbaijão nesse tópico, de modo a facilitar a estabilização daquela área. Teerã considera aqueles dois países, sob o

ponto de vista histórico, como membros do "Grande Irã" do passado. Há minorias étnicas provenientes de ambas as nações no território iraniano.

No espaço geográfico da Ásia Central e Meridional, há ainda que se considerar o estratégico relacionamento sino-iraniano. A influência da China naquela área é naturalmente aspecto central para a política externa iraniana. No início de 2016, a chegada a Teerã de trem partindo da China, como parte da iniciativa chinesa "One Belt, One Road", que pretende resgatar a antiga Rota da Seda, mediante pesadas inversões na conectividade física de diversos países da Eurásia, foi celebrada como importante marco para a reconstrução daquela rota.

O Irã busca, por conseguinte, compartilhar o espaço econômico da Ásia Central com a China, de cujos projetos de infraestrutura e integração regional tende a beneficiar-se, em vista de seu interesse estratégico de retomar a posição histórica de ponto de conexão entre o Oriente e o Ocidente. Pleiteia, nesse sentido, ingresso como membro pleno na Organização para a Cooperação de Xangai.

Cabe salientar que as relações bilaterais com a China possuem dinâmica própria e ocupam espaço privilegiado na agenda iraniana, seja pelo volume das relações comerciais - a China é o principal parceiro comercial e maior importador de petróleo- seja pelo apoio decisivo prestado pelo lado chinês no auge das sanções a que esteve sujeito o Irã, bem como nas negociações relativas ao dossiê nuclear.

Caberia, por fim, destacar outro eixo fundamental da política exterior iraniana: suas relações com a Índia. O desafio iraniano, neste caso, é o de conciliar, de um lado, a proximidade com a Índia em questões políticas, econômicas (o país é o segundo maior comprador de petróleo iraniano) e de defesa e, de outro, as afinidades religiosas com o Paquistão, bem como seus interesses fronteiriços comuns, na área de segurança.

O relacionamento com a Índia tem sido tratado como prioritário por Teerã, como testemunham entendimentos recentes para angariar investimentos indianos no porto iraniano de Chabahar, que poderá transformar as rotas marítimas com o Irã no principal ponto de entrada indiano no Oriente Médio. Ademais, por meio das conexões do Irã com a Rússia e o Afeganistão, a Índia também busca alcançar, com maior eficiência, todo o mercado da Ásia Central.

ECONOMIA, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

A economia iraniana é a segunda maior do Oriente Médio e do Norte da África (MENA), a 29ª do mundo, em termos de Produto Interno Bruto, e a décima oitava, em Paridade do Poder de Compra (registre-se que a maior economia do

MENA é atualmente a da Arábia Saudita). Em 2014, o Irã figurou como o 53º importador e como o 42º exportador mundial. Seu comércio internacional somou USD 119,8 bilhões, dos quais USD 55,7 bilhões foram importações.

As sanções restringiram significativamente as exportações iranianas. Em 2011, ápice recente do comércio internacional do país, a corrente de comércio foi de USD 176 bilhões, sendo que as importações iranianas somaram USD 59,5 bilhões, montante relativamente próximo ao patamar atual.

É a seguinte a origem das principais importações iranianas (2014), por ordem de valor: China, Emirados Árabes, Coréia do Sul, Turquia e Índia. Dados sobre comércio bilateral com Emirados Árabes Unidos, Turquia, China e Suíça via de regra ocultam triangulação comercial nas operações. O Irã é grande importador de suprimentos industriais, bens de capital, alimentos e outros bens de consumo.

É o seguinte o destino da maior parte das exportações iranianas, compostas majoritariamente de petróleo, por ordem de valor (2014): China, Índia, Turquia, Japão e Coreia do Sul.

Pela primeira vez, em 37 anos (desde o advento da Revolução Islâmica), o Irã registrou superávit na balança comercial de produtos não relacionados a petróleo e derivados (*“non-oil”*). Estatísticas locais apontam que, entre 21 março de 2015 e março de 2016, o Irã registrou superávit de USD 946 milhões. As exportações, no período, somaram USD 42,4 bilhões, tendo as importações alcançado 41,4 bilhões.

Especialistas acreditam que a economia iraniana apresenta considerável potencial de crescimento, já para o futuro próximo. Além de grandes reservas de petróleo, gás e minério, o Irã conta com indústria relativamente significativa e diversificada, população jovem e qualificada, agricultura competitiva e sistema de ciência, tecnologia e inovação razoavelmente estruturado. Espera-se que o levantamento das sanções ao país e a regularização de seu comércio internacional venha a impulsionar a expansão do PIB iraniano, ao longo de 2016.

Cientes dessas possibilidades, numerosos Chefes de Estado e Governo passaram a visitar o Irã, a partir de janeiro de 2016 (após a implementação do JCPOA) em busca da revitalização das relações comerciais, acesso ao mercado iraniano e oportunidades de investimento. Têm sido frequentes também as missões comerciais ao Irã compostas por empresários europeus, chineses e russos.

Existe, por outro lado, acentuada dependência da economia iraniana em relação ao setor público, cuja participação no PIB é de aproximadamente 61%. Nesse setor, as receitas provenientes da exportação de petróleo ainda constituem parte importante do orçamento.

Entretanto, apesar de contar com grandes reservas de petróleo (4ª maior no mundo) e de gás natural (2ª maior no mundo), a economia iraniana, como um todo, caracteriza-se por baixa dependência da área petrolífera, ainda que essa realidade pareça paradoxal. Esse cenário é, sobretudo, resultado do contexto de sanções vigente nos últimos cinco anos, fato que obrigou o Governo local a buscar formas criativas de minimizar a referida dependência, já que o setor petrolífero está diretamente vinculado ao mercado externo, até então bastante restrito para exportações iranianas.

O Irã sofreu, aliás, considerável impacto econômico, por conta das sanções, especialmente em 2012. Nesse período, aliados mais próximos dos EUA aderiram às sanções unilaterais norte-americanas contra o país. Na ocasião, ampliou-se o monitoramento e punições relativos à realização de operações financeiras com o Irã.

Apontam analistas que teria havido, ademais, desacertos na gestão macroeconômica do governo Ahmadinejad, agravando ainda mais a situação. O sistema financeiro iraniano sofreu, ainda, sérios desequilíbrios, decorrentes das restrições internacionais. Registrou-se alta da inflação e crise de liquidez, devido ao congelamento de recursos externos e à corrida por imobilização do capital doméstico. No plano microeconômico houve acentuada desarticulação interna, marcada pela multiplicação desordenada de atores financeiros, desrespeito às regras regulatórias, baixa transparência das operações e endividamento excessivo.

Por outro lado, o levantamento das sanções, a partir do JCPOA, poderá conferir à economia local impulso considerável por conta de três fatores: significativa redução dos custos de transação de comércio internacional com o Irã (segundo estimativas, durante as sanções a triangulação de operações comerciais e financeiras com terceiros países representava custos adicionais de pelo menos 10% por operação realizada); aumento da produção e retomada das exportações de petróleo e gás (especialmente para o mercado europeu, a Ásia e a Oceania) e descongelamento de ativos financeiros iranianos no exterior em torno de US\$ 100 bilhões, pertencentes ao setor privado e, em menor monta, ao Governo.

No tocante especificamente ao setor de petróleo e gás, caberia mencionar que suas exportações foram reduzidas, até o levantamento das sanções, para menos de 1 milhão *bpd*, o que representou perdas diretas da ordem de USD 160 bilhões. A limitação dessas receitas, bem como o bloqueio a investimentos estrangeiros no setor, resultaram em um custo indireto de USD 500 bilhões (valor que, estimam autoridades do Irã, seria atualmente necessário para recompor o parque industrial e logístico local e expandir sua produção, até 2020).

A retomada de exportações petrolíferas tem ocorrido, de qualquer forma, em ritmo acelerado, em especial pelo restabelecimento do comércio com a Europa

(que absorvia 42% das vendas, antes das sanções). China, Coreia do Sul, Índia e Japão também figuram como compradores de peso.

O mercado internacional receava que a retomada das exportações iranianas de petróleo pudesse provocar redução ainda maior no preço da *commodity*, então no patamar de USD 30,00 / barril. A Venezuela, com apoio do Catar e do Iraque, busca acordo entre Arábia Saudita e Rússia, para congelar a produção nos níveis de janeiro de 2016. O Irã aceitaria integrar acordo dessa natureza, mas apenas após retomar níveis de produção pré-sanções. O tema encontra-se em aberto.

É prioridade iraniana atrair investimentos internacionais para modernizar e ampliar o parque industrial de petróleo e gás, em todos os segmentos – extração, transporte e refino. Nesse sentido, o Irã planeja captar entre 100 e 200 bilhões de dólares, por meio de lançamento de títulos financeiros exclusivos para investimento no setor. Elaborou-se recentemente um novo modelo de contrato - o “Iran Petroleum Contract”, cujo lançamento, apesar de ter sido progressivamente adiado, poderá ocorrer em breve.

Sobre o "Contract", especula-se que o país estaria a aguardar contexto econômico propício para seu lançamento, do que dependeria a definitiva regularização das suas relações bancárias com o sistema financeiro internacional. Cogita-se, ainda, que o Irã estaria a estudar o potencial de atratividade do novo contrato, junto às grandes empresas de petróleo no mundo.

No tocante ao desenvolvimento iraniano, de um modo geral, o governo Rouhani deverá, na segunda metade de seu mandato, buscar avanços econômicos substantivos, de cujo sucesso depende sua possível reeleição em 2017. Para tanto, conta com o fundamental apoio da virtual maioria do Parlamento, no contexto de um governo de coalização formado entre reformistas e figuras de centro, no espectro político local.

Para cumprir seu plano de trabalho, o Presidente iraniano precisará, de qualquer forma, dar início a ampla revisão do arcabouço jurídico pertinente, bem como enfrentar resistências de atores econômicos direta ou indiretamente vinculados ao setor público. Procurará, ademais, buscar o fortalecimento do poder regulatório do Banco Central, aproximar ou unificar as taxas de câmbio hoje praticadas (oficial e paralelo) e combater a inflação. A inflação, em 2013 (no auge das sanções e ano anterior à posse de Rouhani), atingiu 42%. Em 2014, recuou para 16%. O Banco Central Iraniano registrou um índice de inflação de 12,6%, em fevereiro de 2016. A meta é concluir o ano persa 1395 (21 de março de 2016 a 20 março de 2017) com inflação na casa de um dígito.

O mandatário iraniano tenciona ainda combater o contrabando e rever a política de tarifas para o comércio exterior. Será necessário igualmente reestruturar o sistema tributário doméstico, buscando ampliar a arrecadação de impostos e assim reduzir a dependência do orçamento público em relação às receitas oriundas das exportações de petróleo.

O Governo iraniano está empenhado em promover a ampliação da participação do setor privado na economia, tanto por meio da atração de investidores internacionais, quanto pela melhora do ambiente de negócios para o capital privado nacional. Caberá resguardar e aperfeiçoar as condições para participação das pequenas e médias empresas iranianas, uma das marcas do perfil produtivo do país e grandes geradoras de emprego e renda. Como sinalizado, também é prioridade do Governo atrair investimentos externos e internos para reestruturar e ampliar os setores de Petróleo e Gás, Aviação, Mineração, Logística e Turismo.

A Administração Rouhani deverá redobrar esforços também para reduzir o desemprego, cujo índice, no último semestre de 2015, atingiu 10.7%. Com população predominantemente jovem, no futuro próximo o Irã precisará criar cerca de 655 mil novos empregos por ano, de modo a estabilizar o referido índice de desocupação e evitar seu crescimento (ou 1 milhão de novos empregos por ano, caso tencione reduzi-lo para apenas um dígito).

Uma população cada vez mais escolarizada tem tido dificuldade de encontrar ocupação condizente com seu nível de qualificação, em território iraniano. Mais de 150 mil jovens com educação superior deixam o país todos os anos. Embora não existam dados absolutamente precisos, é possível dizer que há significativo contingente de trabalhadores na economia informal, em ocupações temporárias ou até mesmo empregos regulares, mas que não contribuem para a Previdência Social local.

Outro tema central para a retomada do dinamismo da economia iraniana, de importância estratégica, é o equacionamento de suas dificuldades bancário-financeiras na arena internacional. Ainda não foram plenamente reestabelecidas as operações entre bancos iranianos e o sistema financeiro internacional, o que tem prejudicado enormemente aquele país. Bancos estrangeiros temem pela possibilidade de sofrerem elevadas multas por parte de autoridades dos EUA (na figura do “Office of Foreign Assets Control” do Tesouro norte-americano), pois permaneceram vigentes as sanções unilaterais norte-americanas não-relacionadas ao dossiê nuclear. O OFAC prossegue com o monitoramento das transações bancárias com o Irã. O impasse ganhou a opinião pública local, no final de março, ocasião em que o Líder Supremo, Ali Khamenei, fez críticas aos EUA nesse tópico durante sua mensagem de fim de ano.

A relativa ausência de informações sobre a saúde do sistema financeiro iraniano e sobre a compatibilidade de seus métodos com práticas internacionais consagradas ("compliance") é também um dos empecilhos para a regularização de sua reinserção no sistema bancário internacional. É prioridade do governo reformar regras e aumentar a fiscalização no setor, com vistas a garantir sua credibilidade e, assim, facilitar a reintegração financeira do Irã.

No que se refere ao relacionamento comercial Brasil-Irã, deve-se destacar que o intercâmbio bilateral vinha logrando aumentos progressivos, até 2011, quando a corrente de comércio alcançou seu ápice, no patamar de USD 2,3 bilhões.

No entanto, desde 2012, e em razão do impacto provocado pelas sanções impostas ao país, houve dificuldade em expandir e diversificar os fluxos de comércio e em estimular iniciativas bilaterais de investimento. O comércio Brasil-Irã se reduziu, por conseguinte, quase à metade de seu máximo patamar histórico, recuando para apenas USD 1,6 bilhões, em 2015.

Embora as exportações do Brasil para o Irã se concentrassem em produtos do agronegócio (sobretudo milho, açúcar, soja e carnes), não abrangidos pelas sanções da ONU, a imposição de sanções unilaterais por parte dos EUA às instituições financeiras iranianas afetou a disponibilidade de linhas de crédito para dar sustentação ao comércio entre os dois países.

O levantamento das sanções contra o Irã deverá ensejar novas oportunidades de expansão e diversificação do comércio bilateral. As trocas bilaterais atuais, situadas muito aquém de seu patamar histórico, são excessivamente concentradas em poucos produtos primários, bem como caracterizadas por grande assimetria a favor do Brasil (no primeiro semestre de 2015, as exportações brasileiras representaram 99,7% da corrente de comércio total, que era de USD 892 milhões).

Os principais produtos exportados pelo Brasil para o Irã foram milho, carnes, soja e açúcar, responsáveis pela quase totalidade da pauta. As exportações iranianas ao Brasil, por sua vez, concentram-se em frutas secas, utensílios de cozinha, pistache e tapetes.

O Irã tem buscado diversificar seus fornecedores de grãos (há uma aproximação em curso com o Cazaquistão), o que pode vir a comprometer parcialmente vendas brasileiras. Por outro lado, na visita que efetuou ao Irã, em dezembro de 2014, o então Ministro da Agricultura, Neri Geller, logrou obter o levantamento das barreiras sanitárias que pesavam contra as exportações de carne bovina brasileira para o mercado iraniano.

Os setores que parecem apresentar maior potencial de expansão das exportações brasileiras para o Irã são os de aviação (a renovação da frota aérea civil iraniana é prioridade governamental e deverá envolver encomendas de quatro centenas de aeronaves); máquinas e equipamentos industriais relacionados às áreas de petróleo e gás; maquinário de siderurgia, processamento agrícola, irrigação e tratamento de água; equipamentos médicos, medicamentos e vacinas para animais.

O mercado iraniano também parece capaz de absorver produtos brasileiros de tecnologia média ou alta, que combinem qualidade e preço competitivo e que possam disputar mercado com produtos europeus (já que o nicho de produtos populares tem sido dominado pela China).

Contribui positivamente para a promoção comercial brasileira no Irã o fato de existir enorme receptividade à imagem do Brasil, inclusive em decorrência de posições solidárias de nosso país durante o período mais árduo das sanções. O levantamento das sanções poderá, nesse contexto, abrir espaço relevante para investimentos brasileiros em áreas como aviação, construção civil, hidroeletricidade, mineração, infraestrutura e agricultura.

Cabe ressaltar que, em decorrência do iminente desbloqueio dos ativos financeiros iranianos no exterior, haverá vultoso afluxo de capitais em direção àquele país, razão pela qual será também oportuno explorar possibilidades de investimentos iranianos no Brasil, investimentos mútuos ou aporte conjunto em terceiros países.

Símbolo desse potencial, a tendência verificada recentemente é de realização de missões de empresários iranianos ao Brasil. Esses interlocutores têm-se mostrado interessados em investir na compra ou aluguel de terras, em infraestrutura agrícola e portuária e na compra de grãos, sem intermediação de empresas multinacionais.

São, por conseguinte, alvissareiras as perspectivas econômico-comerciais, no contexto do relacionamento bilateral Brasil-Irã.

Já no âmbito de sua circunstância centro-asiática, o Irã se tem apresentado como plataforma de logística e comunicação entre Europa, Ásia Central e Leste Asiático. Nesse sentido, investe no projeto Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul (“International North-South Transport Corridor” - NSTC) e apoia iniciativas como “A Nova Rota da Seda”, liderada pela China.

Aquele país do extremo Oriente é, como visto, seu principal parceiro comercial, com quem as transações bilaterais chegam já a US\$ 52 bilhões. Deve-se levar em conta, ademais, que o Irã tem recebido da China pacote de investimentos e

linhas de crédito, para ampliação do comércio e instalação de infraestrutura, em tópicos de interesse comum sino-iraniano.

De qualquer forma, o Irã tem buscado diversificar parcerias, razão pela qual hoje conta com tratados bilaterais de investimentos com 53 países e tratados de bitributação com outros 44. As principais vantagens do país como destino de investimentos relacionam-se à presença de grandes reservas de gás e petróleo em seu território. Além disso, o país é importante produtor de zinco, chumbo, cobalto, alumínio, magnésio e cobre.

O Irã espera, por conseguinte, atrair vultosos investimentos para a economia local, bem como *joint-ventures*. A busca de desenvolvimento econômico autóctone é enfatizada pelo Governo. O estabelecimento de parcerias, cooperação e investimentos determinará, portanto, e ao que tudo indica, posição privilegiada para aqueles que pretendam atuar de maneira eficaz no mercado iraniano.

Principais indicadores socioeconômicos do Irã

Indicador	2013	2014	2015 ⁽¹⁾	2016 ⁽¹⁾	2017 ⁽¹⁾
Crescimento real do PIB (%)	-1,91%	4,34%	0,03%	3,96%	3,74%
PIB nominal (US\$ bilhões)	380,35	416,49	387,61	386,12	409,30
PIB nominal "per capita" (US\$)	4.941	5.308	4.877	4.799	5.027
PIB PPP (US\$ trilhões)	1,28	1,36	1,37	1,44	1,51
PIB PPP "per capita" (US\$)	16.521	17.294	17.251	17.888	18.591
População (milhões de habitantes)	77,45	78,47	79,48	80,46	81,42
Desemprego (%)	10,44%	10,60%	10,80%	11,29%	11,56%
Inflação (%) ⁽²⁾	19,69%	16,18%	9,43%	9,00%	7,50%
Saldo em transações correntes (% do PIB)	6,97%	3,82%	0,36%	-0,79%	-0,04%
Dívida externa (US\$ bilhões)	7,01	5,50	5,46	6,36	8,56
Câmbio (IR / US\$) ⁽²⁾	18,414	25,942	29,011	31,187	33,059

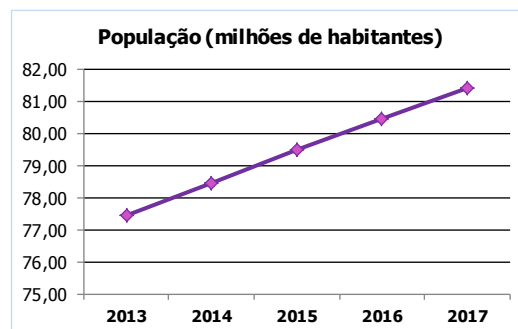
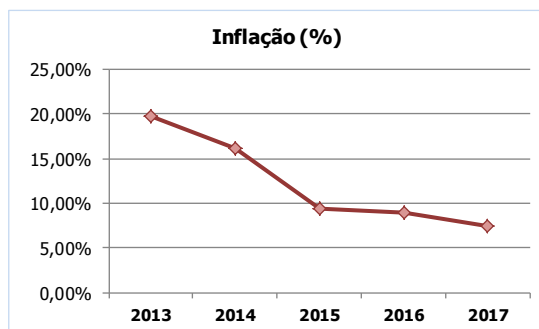
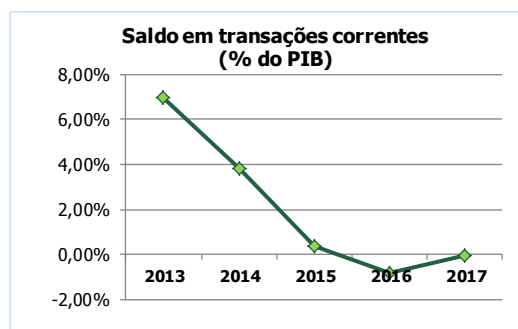
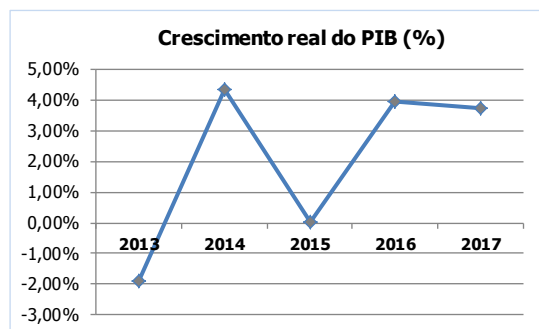
Origem do PIB (2015 Estimativa)

Agricultura	9,3%
Indústria	38,4%
Serviços	52,3%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base nos dados do IMF - World Economic Outlook Database, Abril 2016 e da EIU, Economist Intelligence Unit, Country Report June 2016.

(1) Estimativas FMI e EIU.

(2) Média de fim de período.



Evolução do comércio exterior do Irã
US\$ bilhões

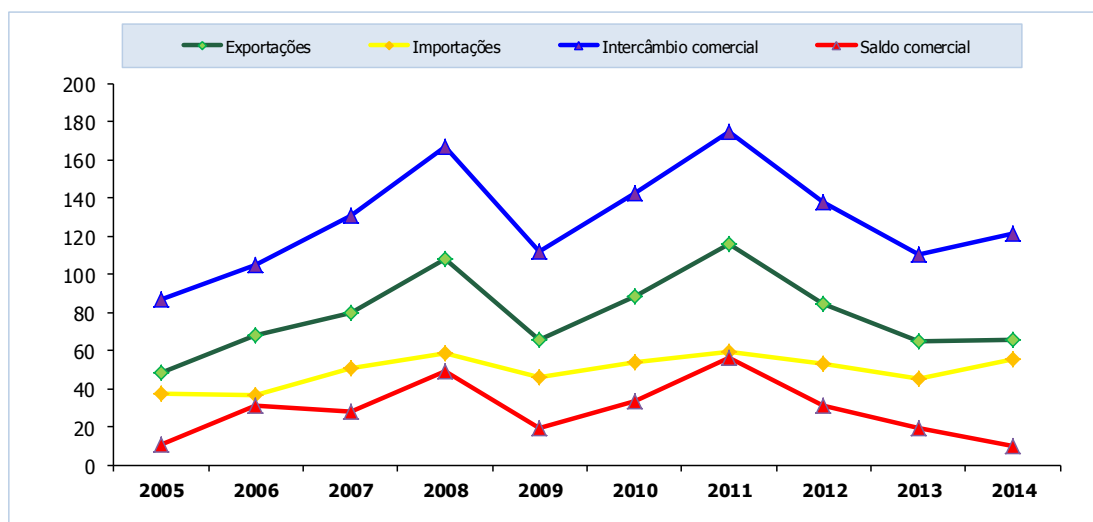
Anos	Exportações		Importações		Intercâmbio comercial		Saldo comercial
	Valor	Var. % em relação ao ano anterior	Valor	Var. % em relação ao ano anterior	Valor	Var. % em relação ao ano anterior	
2005	48,91	34,8%	37,73	22,4%	86,63	29,1%	11,18
2006	68,21	39,5%	36,89	-2,2%	105,10	21,3%	31,31
2007	79,56	16,6%	51,08	38,4%	130,63	24,3%	28,48
2008	107,96	35,7%	58,81	15,1%	166,77	27,7%	49,15
2009	65,71	-39,1%	46,25	-21,3%	111,96	-32,9%	19,45
2010	88,22	34,3%	54,30	17,4%	142,52	27,3%	33,92
2011	115,64	31,1%	59,58	9,7%	175,22	22,9%	56,06
2012	84,57	-26,9%	53,36	-10,4%	137,93	-21,3%	31,21
2013	65,10	-23,0%	45,79	-14,2%	110,89	-19,6%	19,30
2014	65,72	1,0%	55,57	21,4%	121,29	9,4%	10,14
Var. % 2005-2014	34,4%	--	47,3%	--	40,0%	--	n.c.

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, June 2016.

O país não informou seus dados à UNCTAD, portanto as estatísticas foram elaborados por "espelho", ou seja, com base nas informações fornecidas pelos parceiros comerciais.

Última posição disponível em 08/06/2016.

(n.c.) Dado não calculado, por razões específicas.



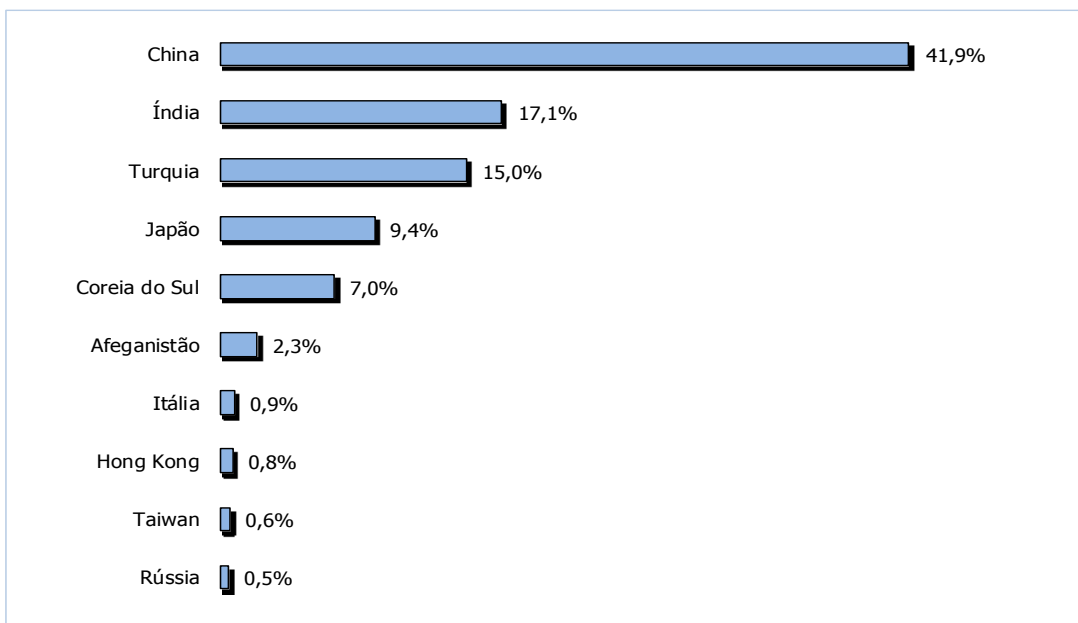
Direção das exportações do Irã
US\$ bilhões

Países	2 0 1 4	Part.% no total
China	27,51	41,9%
Índia	11,25	17,1%
Turquia	9,83	15,0%
Japão	6,18	9,4%
Coreia do Sul	4,58	7,0%
Afeganistão	1,51	2,3%
Itália	0,59	0,9%
Hong Kong	0,52	0,8%
Taiwan	0,41	0,6%
Rússia	0,36	0,5%
...		
Brasil (59ª posição)	0,01	0,01%
Subtotal	62,73	95,5%
Outros países	2,99	4,5%
Total	65,72	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, June 2016.

O país não informou seus dados à UNCTAD, portanto as estatísticas foram elaborados por "espelho", ou seja, com base nas informações fornecidas pelos parceiros comerciais.

10 principais destinos das exportações

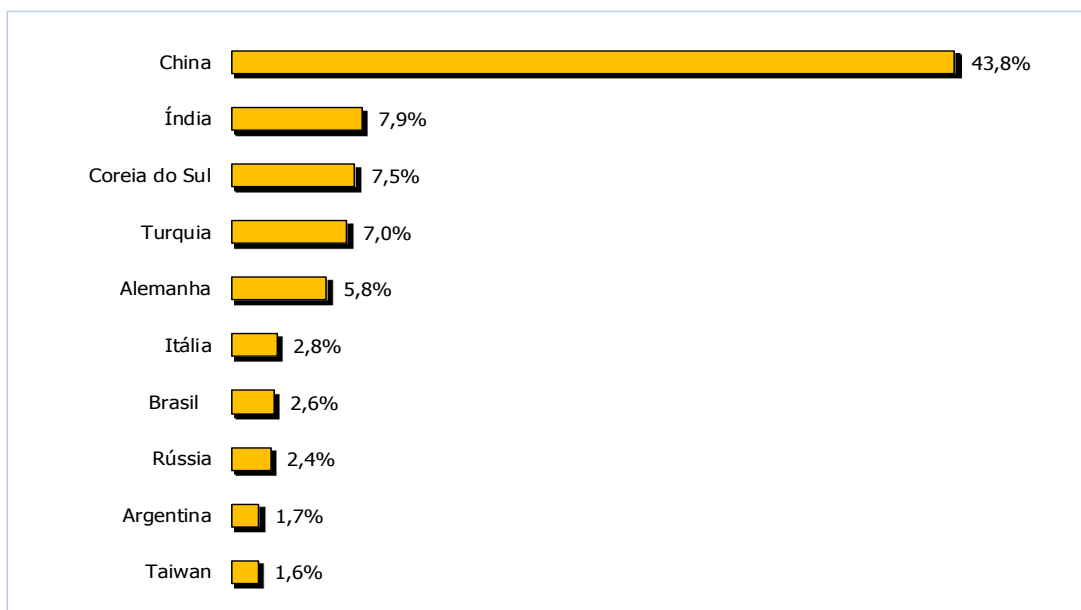


Origem das importações do Irã
US\$ bilhões

Países	2 0 1 4	Part.% no total
China	24,34	43,8%
Índia	4,40	7,9%
Coreia do Sul	4,17	7,5%
Turquia	3,89	7,0%
Alemanha	3,22	5,8%
Itália	1,53	2,8%
Brasil	1,44	2,6%
Rússia	1,33	2,4%
Argentina	0,93	1,7%
Taiwan	0,91	1,6%
Subtotal	46,15	83,0%
Outros países	9,42	17,0%
Total	55,57	100,0%

*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, June 2016.
O país não informou seus dados à UNCTAD, portanto as estatísticas foram elaborados por "espelho", ou seja, com base nas informações fornecidas pelos parceiros comerciais.*

10 principais origens das importações



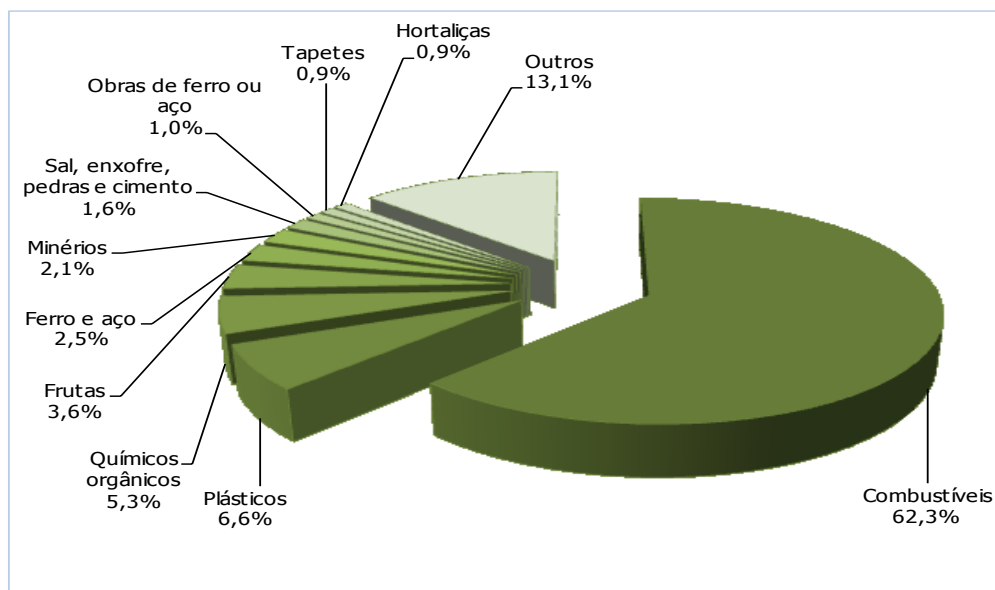
Composição das exportações do Irã

Em %

Grupos de Produtos	2 0 1 4
Combustíveis	62,3%
Plásticos	6,6%
Químicos orgânicos	5,3%
Frutas	3,6%
Ferro e aço	2,5%
Minérios	2,1%
Sal, enxofre, pedras e cimento	1,6%
Obras de ferro ou aço	1,0%
Tapetes	0,9%
Hortaliças	0,9%
Subtotal	86,9%
Outros	13,1%
Total	100,0%

*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, June 2016.
O país não informou seus dados à UNCTAD, portanto as estatísticas foram elaborados por "espelho", ou seja, com base nas informações fornecidas pelos parceiros comerciais.*

10 principais grupos de produtos exportados

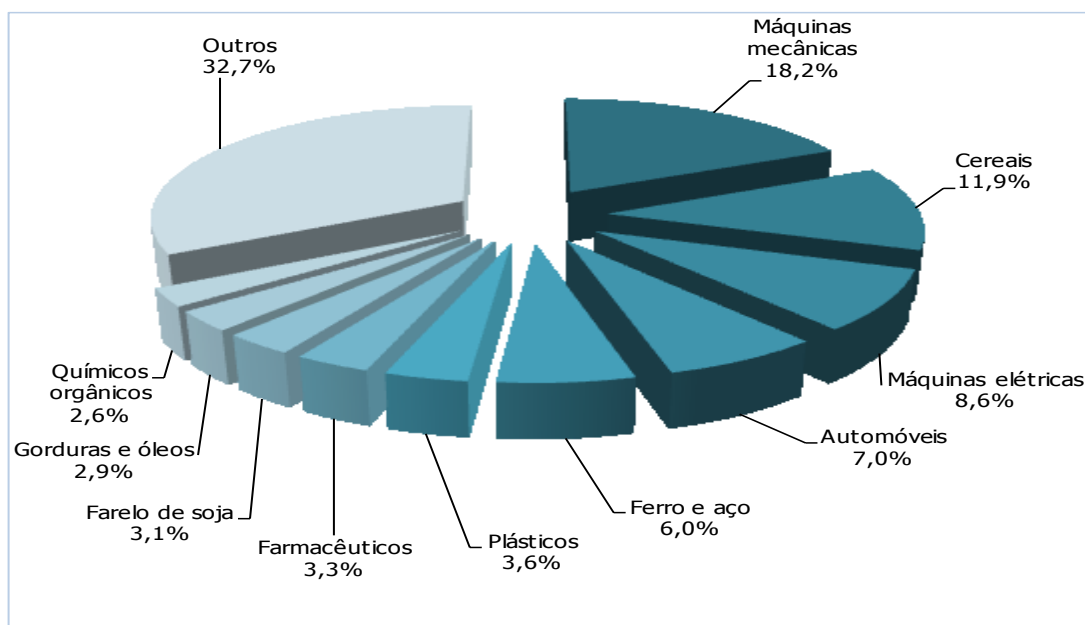


Composição das importações do Irã Em %

Grupos de produtos	2 0 1 4
Máquinas mecânicas	18,2%
Cereais	11,9%
Máquinas elétricas	8,6%
Automóveis	7,0%
Ferro e aço	6,0%
Plásticos	3,6%
Farmacêuticos	3,3%
Farelo de soja	3,1%
Gorduras e óleos	2,9%
Químicos orgânicos	2,6%
Subtotal	67,3%
Outros	32,7%
Total	100,0%

*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, June 2016.
O país não informou seus dados à UNCTAD, portanto as estatísticas foram elaborados por "espelho", ou seja, com base nas informações fornecidas pelos parceiros comerciais.*

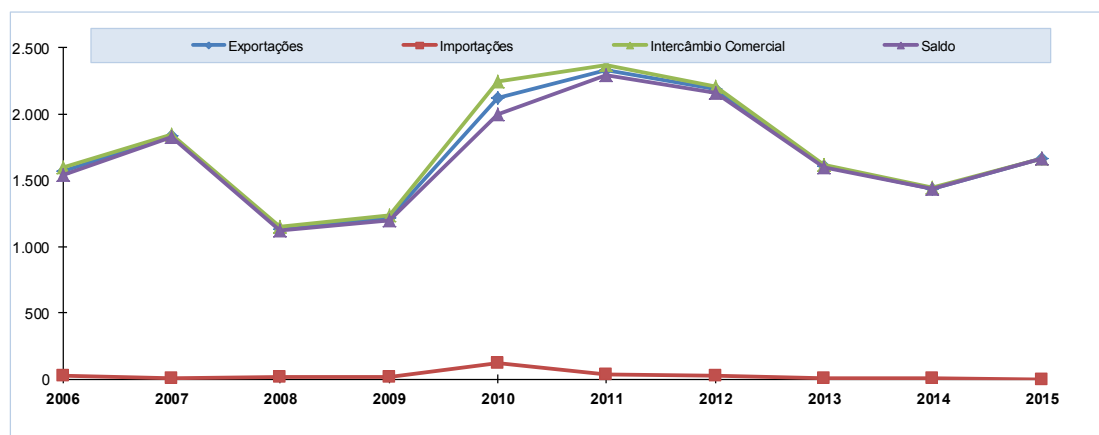
10 principais grupos de produtos importados



Evolução do intercâmbio comercial Brasil - Irã
US\$ milhões

Anos	Exportações			Importações			Intercâmbio Comercial			Saldo
	Valor	Var.%	Part. % no total do Brasil	Valor	Var.%	Part. % no total do Brasil	Valor	Var.%	Part. % no total do Brasil	
2006	1.568	61,9%	1,14%	31	943,0%	0,03%	1.599	64,6%	0,70%	1.537
2007	1.838	17,2%	1,14%	11	-64,4%	0,01%	1.849	15,6%	0,66%	1.827
2008	1.133	-38,3%	0,57%	15	34,4%	0,01%	1.148	-37,9%	0,34%	1.119
2009	1.218	7,5%	0,80%	19	28,4%	0,01%	1.237	7,7%	0,44%	1.199
2010	2.121	74,1%	1,05%	123	549,9%	0,07%	2.244	81,4%	0,58%	1.998
2011	2.332	10,0%	0,91%	35	-71,4%	0,02%	2.367	5,5%	0,49%	2.297
2012	2.184	-6,4%	0,90%	24	-32,7%	0,01%	2.208	-6,8%	0,47%	2.160
2013	1.609	-26,3%	0,66%	9	-63,7%	0,00%	1.618	-26,7%	0,34%	1.601
2014	1.439	-10,6%	0,64%	5	-41,7%	0,00%	1.444	-10,7%	0,32%	1.434
2015	1.666	15,8%	0,87%	3	-34,6%	0,00%	1.669	15,6%	0,46%	1.663
2016 (jan-mai)	766	23,9%	1,04%	8	382,7%	0,01%	773	24,8%	0,61%	758
Var. % 2006-2015	6,3%	--	--	-89,4%	--	--	4,4%	--	--	n.c.

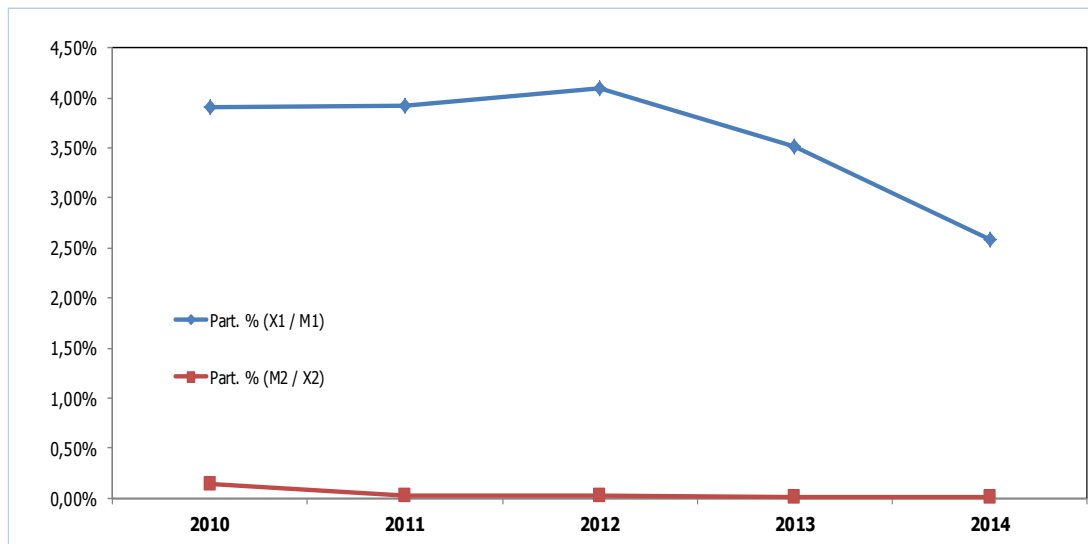
*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Junho de 2016.
(n.c.) Dado não calculado, por razões específicas.*



Part. % do Brasil no comércio do Irã
US\$ milhões

Descrição	2010	2011	2012	2013	2014	Var. % 2010/2014
Exportações do Brasil para o Irã (X1)	2.121	2.332	2.184	1.609	1.439	-32,1%
Importações totais do Irã (M1)	54.302	59.580	53.358	45.793	55.572	2,3%
Part. % (X1 / M1)	3,91%	3,91%	4,09%	3,51%	2,59%	-33,7%
Importações do Brasil originárias do Irã (M2)	123	35	24	9	5	-95,9%
Exportações totais do Irã (X2)	88.221	115.643	84.571	65.095	65.715	-25,5%
Part. % (M2 / X2)	0,14%	0,03%	0,03%	0,01%	0,01%	-94,5%

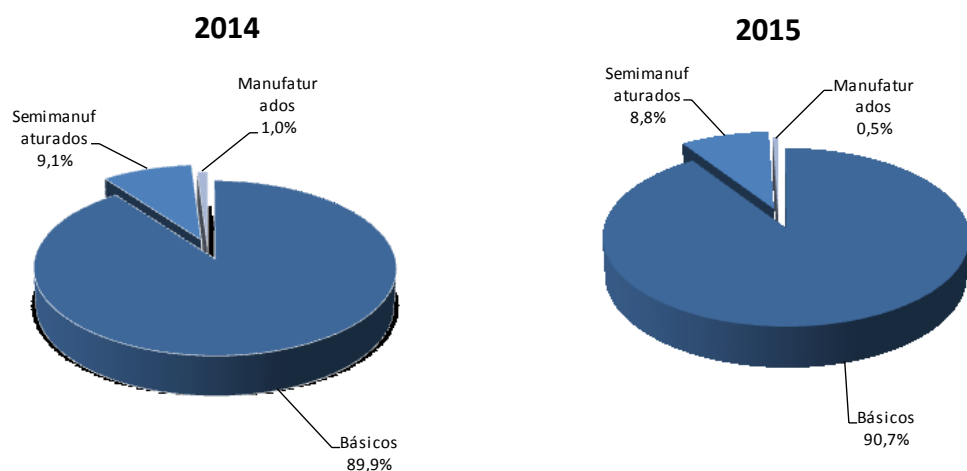
*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/AliceWeb e UN/UNCTAD/ITC/TradeMap.
As discrepâncias observadas nas estatísticas das exportações brasileiras e das importações do Irã e vice-versa explicam-se pelo uso de fontes distintas e também por diferentes metodologias de cálculo.*



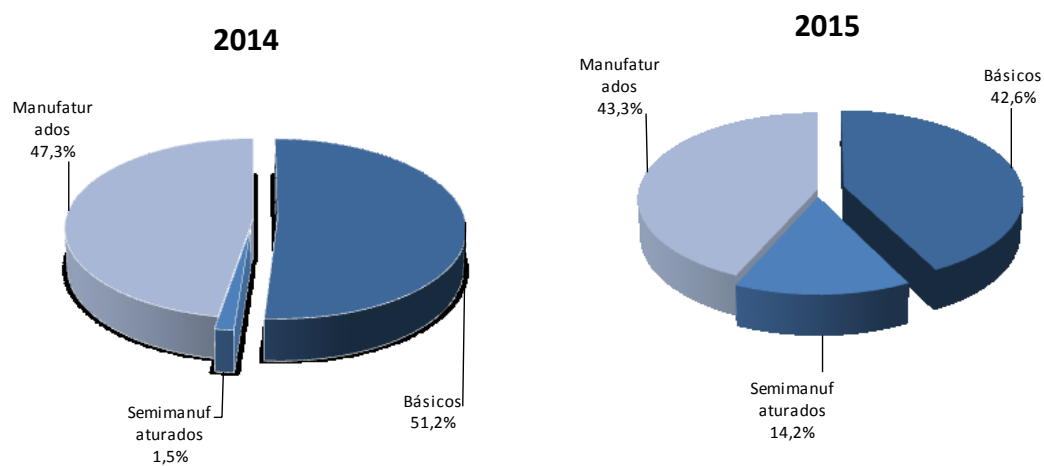
Exportações e importações brasileiras por fator agregado

Comparativo 2015 com 2014

Exportações Brasileiras⁽¹⁾



Importações Brasileiras



Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Junho de 2016.

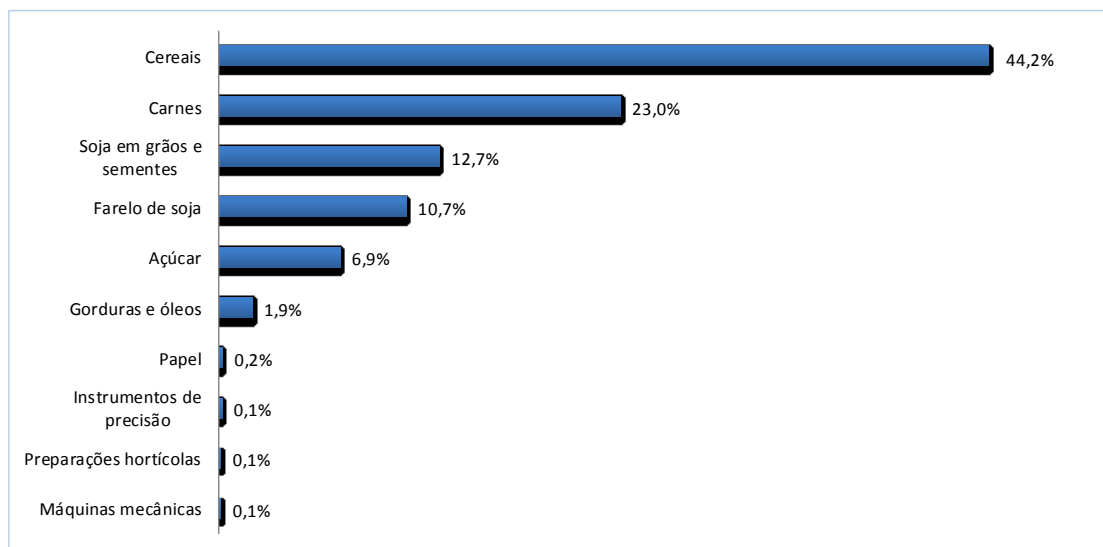
(1) Exclusive transações especiais.

Composição das exportações brasileiras para o Irã
US\$ milhões

Grupos de Produtos	2013		2014		2015	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Cereais	512	31,8%	877	60,9%	737	44,2%
Carnes	287	17,8%	281	19,5%	384	23,0%
Soja em grãos e sementes	73	4,5%	33	2,3%	211	12,7%
Farelo de soja	270	16,8%	102	7,1%	179	10,7%
Açúcar	341	21,2%	97	6,7%	115	6,9%
Gorduras e óleos	85	5,3%	34	2,4%	31	1,9%
Papel	0	0,0%	0	0,0%	3	0,2%
Instrumentos de precisão	2	0,1%	2	0,1%	2	0,1%
Preparações hortícolas	0	0,0%	2	0,1%	1	0,1%
Máquinas mecânicas	7	0,4%	9	0,6%	1	0,1%
Subtotal	1.577	98,0%	1.437	99,9%	1.664	99,9%
Outros produtos	32	2,0%	2	0,1%	2	0,1%
Total	1.609	100,0%	1.439	100,0%	1.666	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Junho de 2016.

Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil, 2015

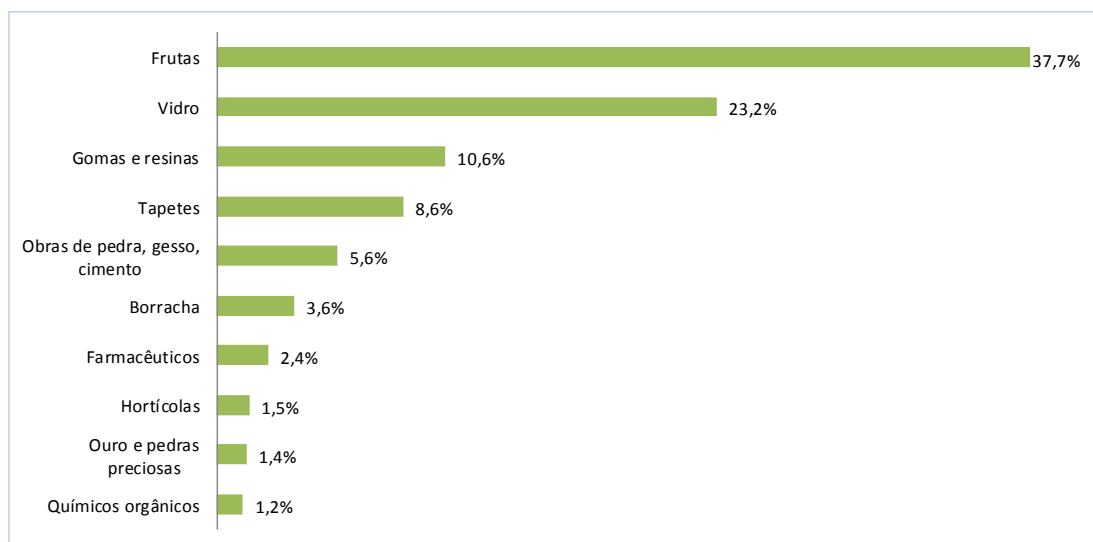


Composição das importações brasileiras originárias do Irã
US\$ milhões

Grupos de Produtos	2013		2014		2015	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Frutas	3,35	38,8%	2,30	45,9%	1,24	37,7%
Vidro	0,12	1,4%	0,38	7,6%	0,76	23,2%
Gomas e resinas	0,08	1,0%	0,01	0,1%	0,35	10,6%
Tapetes	0,66	7,7%	0,37	7,3%	0,28	8,6%
Obras de pedra, gesso, cimento	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,18	5,6%
Borracha	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,12	3,6%
Farmacêuticos	0,11	1,2%	0,09	1,7%	0,08	2,4%
Hortícolas	0,00	0,0%	0,03	0,7%	0,05	1,5%
Ouro e pedras preciosas	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,05	1,4%
Químicos orgânicos	0,08	0,9%	0,00	0,0%	0,04	1,2%
Subtotal	4,40	51,0%	3,18	63,2%	3,15	95,9%
Outros produtos	4,22	49,0%	1,85	36,8%	0,14	4,1%
Total	8,61	100,0%	5,03	100,0%	3,29	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Junho de 2016.

Principais grupos de produtos importados pelo Brasil, 2015



Composição do intercâmbio comercial (dados parciais)
US\$ milhões

Grupos de Produtos	2 0 1 5 (jan-mai)	Part. % no total	2 0 1 6 (jan-mai)	Part. % no total	Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil em 2016
Exportações					
Cereais	216	34,9%	280	36,6%	
Soja em grãos e sementes	131	21,2%	216	28,2%	
Carnes	141	22,8%	142	18,5%	
Farelo de soja	89	14,4%	77	10,1%	
Açúcar	13	2,1%	21	2,7%	
Subtotal	590	95,4%	736	96,1%	
Outros produtos	28	4,6%	30	3,9%	
Total	618	100,0%	766	100,0%	
Importações					
Azubos	0,00	0,0%	5,76	74,7%	
Borracha	0,00	0,0%	0,96	12,4%	
Frutas	0,82	51,6%	0,45	5,9%	
Vidro	0,22	14,0%	0,23	3,0%	
Tapetes	0,12	7,4%	0,15	1,9%	
Obras de pedra, gesso, cimento	0,08	5,1%	0,10	1,3%	
Subtotal	1,25	78,1%	7,65	99,1%	
Outros produtos	0,35	21,9%	0,07	0,9%	
Total	1,60	100,0%	7,71	100,0%	

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Junho de 2016.

CRONOLOGIA HISTÓRICA

3900 a.C.	Sialk, perto da atual Kashan, é a primeira cidade contruída no planalto
------------------	---

	iraniano.
3000 a.C.	Elamitas se instalam no oeste do atual Irã
1500 a.C.	Tribos arianas vindas da Ásia Central chegam ao sul do Irã
1000 a.C.	O zoroastrismo se consolida como a primeira religião monoteísta.
550-330 a.C.	Império Aquemênida, um dos mais relevantes da história. Seu auge se deu sob o reino de Dario.
492-479 a.C.	Persas tentam conquistar a Grécia, mas acabam repelidos.
334 a.C.	O líder macedônio Alexandre, o Grande, derrota os aquemênidas e toma o Império Persa
323 a.C.	Alexandre morre e seu império se fragmenta. Um de seus generais funda a dinastia Selêucida
230 a.C.	Tribos partas derrotam gradualmente os selêucidas e assumem o controle da Pérsia.
224	Império Sassânida se instala e inaugura a teocracia zoroastra
632	Árabes invadem o território sassânida e iniciam a islamização da Pérsia.
661	Ali, neto e genro de Maomé, é assassinado. Seguidores de Ali formam dissidência que sela o início do xiismo.
696	O árabe se torna a língua oficial das terras conquistadas pelo Islã.
750	Com o apoio de tribos persas, a dinastia Abássida derrota a dinastia Umíada, até então dominante na região. O eixo do poder regional desloca-se de Damasco para Bagdá, a capital dos abássidas.
820	A proliferação de pequenos Estados persas restringe o domínio árabe sobre a Pérsia. Surge o idioma farsi moderno, que usa escrita baseada no alfabeto árabe, mas mantém, em linhas gerais e de modo simplificado, a estrutura, o vocabulário e a lógica da língua persa original.
Século X	Início do colapso do califado islâmico, que cede espaço a diversas dinastias persas e turcas, com a dos seljúcidas.
1220	Exército mongol, sob o comando de Gengis Khan, invade, arrasa e ocupa boa parte da Pérsia.
1227	Gengis Khan morre. Seus filhos repartem o Império.
1405	Timur, comandante turco-mongol, conquista a Pérsia, que é novamente devastada por invasores.
1501	Xá Ismail I reunifica a Pérsia e funda a dinastia Safávida. O Islã xiita é declarado religião oficial.
1571-1629	Sob o reino do Xá Abbas I, o Império Safávida vive seu apogeu e estabelece relações diplomáticas com a Europa Ocidental.

1639	Império Safávida assina tratado de paz que põe fim a 150 anos de guerra com o Império Otomano.
1722	O líder afegão Mahmoud Khan invade a Pérsia e põe fim a era safávida.
1729	Xá Nader, militar safávida, expulsa afegãos, reunifica a Pérsia e cria sua própria dinastia, a Afshárida. O Xá ataca russos, otomanos e indianos.
1747	Xá Nader morre e seu império se desfaz, inaugurando uma era de caos e conflitos internos.
1750	Karin Khan, ex-general de Xá Nader, conquista a maior parte da Pérsia e restaura a estabilidade.
1794	Mohammad Khan Qajar elimina o último rei Zand e funda a dinastia Qajar, encerrando meio século de instabilidade.
1828	Ao fim de uma guerra com a Rússia, o Irã perde o controle de Geórgia, Armênia e Azerbaijão.
1906	Revolução Constitucional culmina com a criação de um Parlamento que limita os poderes da monarquia.
1914-1918	A Pérsia se declara neutra na Primeira Guerra Mundial, mas seu território é palco de intensos combates. Rússia e Grã-Bretanha ocupam partes do país.
1921	O oficial do Exército Reza Khan toma o poder e, dois anos depois, se torna Primeiro-Ministro.
1925	O Parlamento é obrigado a "votar" pela transformação de Reza Khan em chefe de Estado, encerrando a dinastia Qajar.
1926	Reza Khan é coroado imperador e adota o sobrenome Pahlavi. Seu primogênito, Mohammad Reza Pahlavi, é apontado príncipe herdeiro.
1935	Governo muda o nome do país de Pérsia para Irã.
1936	Reza Pahlavi lança campanha em favor da emancipação das mulheres e veta símbolos religiosos, inclusive o véu islâmico.
1941	Durante a Segunda Guerra Mundial, britânicos e russos ocupam a Pérsia e depõem Reza Pahlavi em represália aos seus laços com a Alemanha nazista. Mohammad Reza Pahlavi assume o trono.
1943	Reunidos em Teerã, Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Josef Stalin assinam a "Declaração de Teerã", que promete reconhecer a independência do Irã ao fim da guerra. Soviéticos descumprem o acordo e ocupam partes do país após término do conflito.
1946	União Soviética se retira do Irã
1950	Ali Razmara se torna Primeiro-Ministro e é assassinado meses depois por um extremista islâmico. Seu substituto é o nacionalista Mohammad

	Mossadegh.
1951	Sob comando de Mossadegh, o Parlamento aprova lei para nacionalizar o petróleo, até então dominado por britânicos. Londres impõe embargo ao Irã.
1953	Reino Unido orchestra golpe de Estado com apoio americano e derruba Mossadegh. O Xá retorna ao país após breve autoexílio e retoma plenos poderes.
1957	Irã intensifica laços políticos, econômicos e militares com os EUA.
1963	Mohammad Reza Pahlavi lança a "Revolução Branca", que visa reformar o sistema agrário e ocidentalizar a sociedade. A ditadura se acirra.
1964	Líder do movimento antimodernização, o Aiatolá Khomeini parte para o exílio no exterior.
1973	Durante o choque petroleiro, Irã rejeita aderir ao embargo contra países ocidentais e aumenta exportações de petróleo.
1979	O país passa por intenso período de turbulência política. O Aiatolá Ruhollah Khomeini retorna ao país para comandar a Revolução Islâmica, a família imperial parte para o exterior e estudantes tomam a Embaixada norte-americana em Teerã, exigindo a extradição do Xá.
1980	Abolhasan Bani Sadr é eleito Primeiro-Ministro da República Islâmica. O Xá morre de câncer no Egito. O Iraque ataca o Irã.
1981	52 reféns americanos são liberados. Bani Sadr é deposto e parte para a França.
1983	Atentado mata centenas de soldados franceses e americanos no Líbano. Ocidente atribui a responsabilidade pelo ataque ao Irã e seus aliados libaneses.
1984	Os Estados Unidos admitem ter vendido armas ao Irã, para levantar fundos a favor de forças anticomunistas na Nicarágua (episódio que ganhou a alcunha de "Irã-Contras").
1988	Cessar-fogo com o Iraque é mediado pela ONU
1989	Khomeini morre e é substituído por Ali Khamenei. Ali Akbar Rafsanjani se torna Presidente.
1995	EUA impõe sanções petroleiras e comerciais contra o Irã, por suposto apoio ao terrorismo
1997	Mohammad Khatami ganha eleição e se torna o primeiro Presidente reformista.
2001	Apesar da oposição de conservadores, Khatami é reeleito. O Irã se solidariza com os EUA, após os ataques de 11 de setembro.

2002	George W. Bush inclui Irã no "eixo do mal". Dissidentes iranianos revelam existência de centrais nucleares não declaradas à ONU.
2005	Irã retoma enriquecimento de urânio. O Prefeito de Teerã, Mahmoud Ahmadinejad, ganha eleição presidencial e inicia guinada conservadora.
2006	Ahmadinejad passa a questionar publicamente o Holocausto e a advogar o fim do Estado de Israel. ONU impõe primeiras sanções multilaterais para retaliar o Programa Nuclear Iraniano.
2008	Irã testa mísseis de fabricação nacional capazes de atingir Israel. ONU adota novas sanções contra Teerã.
2009	Ahmadinejad é reeleito em meio a suspeitas de fraude, que provocam protestos populares reprimidos pelo regime.
2001	Eclode a "Primavera Árabe". Ahmadinejad entra em confronto aberto com Khamenei. Estudantes invadem embaixada britânica em Teerã.
2012	Em meio à crescente ameaça de ataque israelense, Irã sofre a imposição de sanções mais duras de sua história. O rial, moeda nacional, desvaloriza-se em patamares inéditos. Crise econômica assola a população.
2013	Hassan Rouhani é eleito Presidente, graças à plataforma de maiores liberdades e alívio para as sanções. O mandatário mantém contato telefônico com o Presidente Barack Obama, o primeiro entre dirigentes dos dois países, desde 1979.
2015	O P5+1 e o Irã chegam a um entendimento e alcançam o "Joint Comprehensive Plan of Action" (JCPOA), pelo qual o Irã compromete-se a rever seu Programa Nuclear, de modo a direcioná-lo para fins pacíficos, em troca de alívio das sanções econômico-comerciais a que estava sujeito.
2016	O JCPOA entra em vigor em janeiro ("Implementation Day"), ensejando a suspensão de sanções relacionadas ao dossiê nuclear iraniano. A Arábia Saudita executa o clérigo xiita Nimr al-Nimr, sob protestos de Teerã. Representação diplomática e repartições consulares sauditas são atacadas em Teerã, o que provoca o rompimento de relações diplomáticas entre os dois países. O Irã deixa de enviar peregrinos nacionais seus a Meca, para as cerimônias do Ramadã, por conta de desentendimentos com autoridades sauditas. O Presidente Rouhani obtém vitórias importantes no Parlamento e na Assembleia dos Sábios. Ali Larijani, líder moderado simpático à Administração Rouhani e até mesmo à agenda reformista, é reeleito para a Presidência do Parlamento.

CRONOLOGIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

1903	Estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e o Irã
1965	Visita do Xá Reza Pahlavi ao Brasil
1976	Visita ao Irã do Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen
1991	Visita ao Irã do Ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek
1993	Visita ao Brasil do Chanceler Ali Akbar Velayati para chefiar a delegação de seu país à III Reunião da Comissão Mista Bilateral
2000	Realizada a I Reunião de Consultas Políticas, em Teerã
2002	Visita ao Irã do Ministro da Cultura, Francisco Weffort, para participar da reunião do "Diálogo das Civilizações"
2005	Visita ao Brasil do Ministro da Agricultura do Irã, Mahmoud Hojjati
2005	Visita ao Brasil do Ministro da Economia e das Finanças do Irã, Feyed Safdar Hosseini, que foi recebido em audiência pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva
2005	Visita oficial do Embaixador Said Jalili ao Brasil, como enviado do Presidente Ahmadinejad
2006	Visita ao Brasil do Presidente do Parlamento iraniano, Gholam Ali Haddad-Adel
2008	Realização da VI Reunião de Consultas Políticas em Brasília
2008	Visita ao Irã do Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim
2009	Visita ao Brasil do Ministro dos Assuntos Cooperativos do Irã, Mohammad Abbassi
2009	Visita ao Brasil do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Irã, Manouchehr Mottaki
2009	Visita ao Brasil do Presidente Mahmoud Ahmadinejad ao Brasil, ocasião em que foi recebido pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva
2010	Visita ao Irã do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a primeira de um mandatário brasileiro àquele país. Assinatura da Declaração de Teerã, subscrita por Brasil, Turquia e Irã, acerca do programa nuclear iraniano
2012	Participação do Presidente Ahmadinejad na Conferência Rio+20
2013	Visita ao Irã do Ministro das Relações Exteriores, Antonio de Aguiar Patriota, para assistir a cerimônia de posse do Presidente Hassan Rouhani
2014	Visita ao Brasil do Presidente do Conselho Estratégico de Relações Exteriores do Irã, Seyed Kamal Kharrazi
2015	Visita ao Irã do Ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira (setembro)

2015	Visita ao Irã do Ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro (outubro)
2016	<u>Visita a Teerã do Subsecretário-Geral de Assuntos Políticos II, Embaixador José Alfredo Graça Lima, para presidir, com o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros para Europa e Américas, Embaixador Majid Takht Ravanchi, reunião do Mecanismo de Consultas Políticas Brasil-Irã (11 de abril)</u>

ACORDOS BILATERAIS

Título	Data de Celebração	Entrada em Vigor	Data de Publicação no DOU	Situação
Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Islâmica do Irã sobre Isenção de Visto para Portadores de Passaportes Diplomáticos	23/11/2009	28/10/2015	19/10/2015	Vigente
Acordo que Estabelece uma Comissão Mista de Cooperação Econômica e Técnica.	21/11/1975	21/11/1975	03/12/1975	Vigente
Acordo Cultural.	22/11/1957	17/01/1963	17/01/1973	Vigente

Fonte: Divisão de Atos Internacionais – MRE